

a cauda do satélite

pele andar do dia

Lucas Zaparolli de Agustini¹

|

Quando eu não tanjo a lira, em vão proponho ensinar a cidade tagarela a cantar. E ela diz que estou na cela de um alazão tinto em azul de sonho,

e que a ordem em que as notas eu disponho já são ultrapassadas. Insiste ela que o bom é a confusão, que a última estrela tremula e oscila, e os sonhos que lhe exponho,

numa harmonia estranha, às vezes tépida como o calor do trânsito, às vezes lépida como as manhãs, às vezes lenta e triste,

às vezes escarninha, só existe no meu canto erradio, e que ele obumbra pelos becos errando na penumbra

|

Um grande amor casual é uma procela entre a urbe da entrega e da saudade. E não seria acérrima e amarela a ponta azul do espinho da cidade?

Arranca aquela aziaga e ocre remela das tuas nuances. Cuida de verdade da tua saúde. Esgota a cidadela de ti e de milhões de ti. Esfacela

tua sorte nos sonetos. Dons gratuitos, colhidos em viadutos e em assaltos, e nos citados amores fortuitos,

e no horizonte azedo, nos asfaltos pelando, em shoppings atros, temos muitos: crescemos azuis, só, e muito cautos.

|

(três poemas sobre um cavalo)

Era um corcel sem rédea ou pensamento, e atravessava o tédio e era branco, e pelas ruas vinha. Seu arranco tinha o poder do adeus, e do lamento

o ímpeto. Atravessava o cruzamento sem olhar. Viu-o um mendigo manco, que pedia um trocado, e foi bem franco quando alcinhou-lhe espectro. Vinha o vento

e lhe arrefecia. O casco contra o asfalto. Eram quase às dezoito, e o sol num salto jogou-se do viaduto. Nesta tela

chamou-se Liberdade o tom vermelho, celeste espirro no terrestre espelho: visão que hoje não mais se pode tê-la.

|

Trazia a balouçar a branca crina, e trotava alinhado. Era um fantasma sobre o cimento, sem razão. Tão pasma ficou a gente! Sua plúmbea retina

fitava algo maior. Então empina, e arranca. Um vendedor, co ataque de asma, tossindo, à venda fumo e pinga (traz-ma!), chamou-lhe santo. Ao longe o sol declina

e lentamente cai. Rubro é o crepúsculo. Ia sobre a urbe um puro sangue e músculo, e a noite sobreveio-lhe. Eis o exemplo

de quem sai sem malote ou sem maleta, de quem não se intimida em ser poeta, de quem percebe a vida e faz-lhe um templo.

|

Sobre o piche uma pérola passava,
de alma enfunada, irracional, a largo
trote. Trazer a noite era o seu cargo.
Era unicórnio a aparição que andava?

Impávido o horizonte perscrutava,
e irradiava, além do mais, letargo
semelhante ao milagre. Um velho amargo
viu-o, tomou um susto, respirava

dificultosamente. Era Jesus,
jurava. E o velho se escondeu da luz.
Foi-se da ponte pro horizonte. Amá-lo

era o de menos. Manga-larga alado,
deu seu recado do outro lado e, dado,
voltou a tornar-se anjo. Adeus, cavalo.

|

E a poluição imerge no crepúsculo;
sua Mancha no horizonte tem atroz
coloração: enxofre e caos. E nós
somos apenas carne e crença e músculo.

– Perdoa-nos, Ar, meu oxigênio! Busco-o
no imundo céu, opúsculo em que vós
impregnastes de gris, de piche, e nós
cerramos vistas, coração minúsculo,

capacidade errada e sem noção
de nada. Eu já não vejo solução
qualquer. Ah, Babilônia irrespirável!

Quando estiver quarenta graus centígrados,
na urbe de fumaça que é palpável,
não mais teremos olhos, nem mais fígados.

|

Ama-se em tempos de escrever sonetos.
A Velocidade arma-se em esquemas
demais comuns, prosaicos. Mesmos temas
mostram-se iguais a nós que somos netos

daqueles que cuspiam sob abetos
mas sabiam o sol, faziam poemas,
não conheciam filas, nem dilemas,
e mergulhavam neste amplo alfabeto

que é igualzinho ao nosso, mas mais limpo,
sem pneus boiando em rios, e sem garimpo
de conseguir um pão por dentre o asfalto.

O mundo tomou outra própria forma:
tem-se o metrô, o veloz é lerdo, e a norma
regula o trânsito, a miséria e o assalto.

|

Garoa na cidade às oito e meia,
e é sexta-feira. Está sob o domínio
do tédio a urbe. Enrola-se um declínio
nos pescoços dos moços. Pauliceia

enganosa, fatídica sereia
profícua em cantos: dá-nos um fascínio!
Algo que seja além do teu desígnio
comezinho, trivial, pé-de-meia;

algo que vá na veia; algo sublime
e simplório; algo que jamais me lime
de mim. Ai, céus! felicidade escassa,

como a mulher que no metrô se engraça,
e passa, então vem outra. No meu féretro
vai-se ler: "*fugere urbem* foi seu mérito".

|

de manhã o escultor do paradoxo
deixou sua nave e foi à pé pro mangue
pra ver se via um filme de banguê-banguê
ou se achava à gravata um nó mais frouxo

se num bar arrumava um olho roxo
na pancadaria de alguma gangue
e no espelho espalhado muito sangue
no banheiro sujando a pia & o box o

caso acima é representação são
buzinas no geral desta manhã o
disco risca é escorregadia a pista

cada vez menos pode ver a vista
e do mangue e do bar a última imagem
o zelador o carro na garagem

|

Pra lá do vidro frio, daqui uns metros,
sob a garoa soa uma sirene
de polícia, que prega uma higiene
eficaz com dois selos do Inmetro.

Num portão de alumínio o louco infrene
das barbas da miséria traz o cetro:
um lhe diz: demônio! outro: vade retro!
e o verbo da loucura mostra o gene.

O camburão vem vindo, e no alumínio
gris não há giroflex que ilumine o
despencar lentamente do mendigo.

Chuvas de primavera sem abrigo!
A viatura passa ante o pobre já –
um grita vai bem?! o outro diz vá, vá!

I

Enquanto um Pato Banton ao canto conta
sua longa vida, Manu Chao espia
a urbe de São Paulo luzidia,
esguia. E no outro canto aperta as ponta,

um cara, ator, um tal que já fez ponta
nuns cinco curta. Às vinte. A noite é fria.
A Babilônia linda e alada mia;
no seu colar de ruas cada conta

é um semáforo, ou um foro, ou fila,
e as gentes as correntes. – Meu, se pã
tem festinha na Augusta e é tudo free lá!

– Não, está tendo aquela no Copan!
– Não, da última vez que eu fui eu sofri lá,
melhor ficar no chope e no Chopin!

I

Teus os olhos sob túneis e marquises
me fazendo ir, e assim tua mão é bre-
que ao meu pneu que queria sim ser só lebre
solta, e devaneio, sem freio, ligas, dizes

virás? e remédias as cicatrizes,
pingas soro entre a poluição, a febre
tiras. Não há estouro que celebre
mais que buzinas tua voz. E diriges

a mim teus saltos altos, trazes lanche,
e não há sobretudo que eu não manche,
nem poréns, nem vias vias, nós dois a sós, *pero*

no mucho, e aí o destino avança próspero
quando apontas o céu sujo e, já que é lite-
ratura, passa a cauda de um satélite.

pokan laranja

Ana Amália Alves¹

Faltam-te palhaços e teatro
Onde está teu riso, ó Marília?

Proibido é palavra que pisca
placas repetitivas
por tuas ruas-artérias
– eu mandava cintilar –
em teus condomínios-poros
– de pedrinhas de Itabira –
nas tuas pokans-enzimas
– nostálgicos braços do oriente.

Quiseram-te símbolo de amor e liberdade
Mas tatuaram tua pele cor de café:
É proibido.

Marília, como explicar-te em versos
habitáveis de estrela se
teu casulo
é o mais duro do velho oeste?

Espero-te na estação de Dirceu
Para trançar tuas sedas-pelo
amanhecer infinito e laranja
– ainda não sabes possuir.

Sou tua filha.
Posso abrir o pote de ouro
no pé do arco-íris?

¹ E-mail para contato: anaamaliaalves@hotmail.com.